

PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: relato de algumas atividades desenvolvidas e observadas

Wanessa Mayara da Silva¹
José Marcondes Alves da Silva²
Vaniele Maritissa da Silva³

RESUMO

O programa residência pedagógica do curso de matemática licenciatura visa criar um espaço rico em oportunidades, para os discentes experienciar a docência, no mesmo instante que possuem a possibilidade de tirar dúvidas, tanto específica da disciplina, quanto da parte burocrática do projeto. O referido programa iniciou em agosto de 2018, com previsão de finalização em janeiro de 2020, resultando uma carga horária total de 440 horas, distribuídas em atividades, como: observações de aulas, preenchimentos de fichas e relatórios, regências, planos de aulas, entre outras, que surgem a partir das necessidades ao longo do projeto. Assim, este artigo tem como finalidade, descrever as experiências adquiridas nos encontros semanais da residência pedagógica, dirigidos sob a orientação da professora Dr. Simone Moura Queiroz, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Centro Acadêmico do Agreste (CAA) e também, das observações de aulas em 04 turmas de 7º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, numa escola situada no município de Caruaru-PE. Acentua-se que neste trabalho iremos apresentar as experiências do mês de agosto a dezembro de 2018 e, que a efetivação das atividades contribuiu para a construção do nosso devir-professor, trazendo-nos, uma amostra da realidade da educação em nosso país e despertando-nos, o interesse de inovarmos em nossas aulas, a fim de criarmos um ambiente crítico, onde as diferenças são acolhidas e respeitadas, em nossos planejamentos de aula.

Palavras-chave: Residência Pedagógica, Ensino-Aprendizagem, Educação Matemática, Devir Professor.

INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógico, precisamente do curso matemática-licenciatura orientado pela a professora Dr. Simone Moura Queiroz, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Centro Acadêmico do Agreste (CAA), possibilitou-nos adquirir experiências do contexto sala de aula, por meio de algumas atividades propostas nos encontros semanais. Cada encontro foi uma experiência diferente e proveitosa. Entretanto, as referidas atividades, surgiram em prol de auxiliar-nos em algumas situações que talvez surjam em nossa trajetória profissional, além de proporcionar-nos um amadurecimento de quê, cada

¹Graduando do Curso de Matemática-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, wanessa.mayara12@gmail.com;

² Graduando do Curso de Física-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, marcondessilva120@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Ciências Biológicas-Licenciatura da Universidade de Pernambuco- UFE, vany.silva31@gmail.com.

turma que iremos adentrar possui a sua especificidade e heterogeneidade e, que somos professores únicos, hesitados a buscar sempre inovações. As nossas aulas precisam ser convites aos desejos de nossos alunos. Conforme Karnal (2017), o professor que acha que as suas aulas podem melhorar, estão no caminho certo, pois já começaram a viver educação, porém para os que se acham auto-suficientes e não precisam melhorar em nada, “ensinar não é a única profissão do mundo...” (p.1).

O referido programa é composto por 18 meses, melhor dizer, de agosto de 2018 a janeiro de 2020, totalizando uma carga horária de 440 horas, na qual, neste trabalho iremos relatar as atividades vivenciadas no período de agosto a dezembro de 2018, onde nesta etapa, as regências apenas ocorreram nos encontros ministrados pela a orientadora do projeto. Com isso, esse período de cinco meses foi separada em dois momentos, um voltado a observações de aulas e o outro momento a encontros semanais em busca de preparar-nos para atuação no programa, por intermédio de discussões de textos; alguns relatos de experiências, adentramentos a algumas metodologias, produção de planos de aulas; entre outras atividades. Contudo, o trabalho tem o objetivo de descrever um pouco das experiências adquiridas até o átimo presente da Residência Pedagógica.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho alicerça nas descrições dos encontros da residência pedagógica com a supervisora do programa, como também, nas descrições de observações de aulas, apresentando as experiências e contribuições colhidas para a nossa constituição interminável do “ser professor”.

Dessa forma, de maneira geral, os encontros do programa residência pedagógica ocorreram tanto de maneira presencial, nas quinta feira, das 14h30min às 18h, no intervalo de agosto a dezembro de 2018 e quanto virtual, por meio de grupos eletrônicos criados nas redes sócias, *facebook* e *whatsapp*, denominados de Residência Pedagógica – Simone, com a intenção de discutirmos e publicarmos as ações da Residência Pedagógica, além de tirarmos dúvidas, tanto especifica da disciplina, como para pedirmos ajuda relacionada ao programa.

As observações de aulas ocorreram nas quartas feiras, das 7h às 12h, no período de transição do terceiro bimestre para o quarto, de outubro a dezembro de 2018, em 04 turmas de 7º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, numa escola pertencente ao município de Caruaru. Durante essas observações, foi possível reter o quanto as coisas variavam de uma turma a outra e que grande parte dos alunos não tem interesse de estudar. Não desejam aprender. Triste realidade da educação. Não desanime, somos chamados a acreditar em dias

melhores. Por que será? E falta de metodologias diferenciadas? Assim, a partir de agora este relatório convida-nos a percorrer pelos relatos de experiências adquiridas tanto dos encontros, quanto das observações de aulas, trazendo as marcas que nos perpassaram ao longo do período disposto, como mostra o cronograma adiante (fluxograma 1).

Fluxograma: Cronograma residência pedagógica/ matemática.

2018				
Ago	Set	Out	Nov	Dez
Preparação do aluno para participação no programa		60 horas na escola		
Formação dos Preceptores		Orientação Conjunta (coordenador preceptor) ambientação na escola e preparação do plano de Atividade da Residência		

Fonte: Grupo do facebook residência pedagógica – Simone (2018).

DESENVOLVIMENTO

1.1 Devir Professor e Experiência

Os sujeitos são singulares e múltiplos ao mesmo tempo. Singular por serem únicos, constituídos ao longo das suas vivências no tecido social. E múltiplo pela a arte de se modificar em meio aos acontecimentos, encontros, experiências. “Nós somos um sujeito a cada momento. Somos um constante devir. E precisamos estar ciente disso.” (CAVAMURA, 2013, p. 222). Ligado a isto, “o ser professor” também é único e inconcluso, inacabado, ou seja, é um devir, que vai se constituindo ao longo das suas práticas na sala de aulas, em meio às experiências. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” Com isso, embora várias sujeitos estejam inseridos nos encontros, não quer dizer que os mesmos fatos perpassarão a todos eles, podem até apresentar convergências nos discursos, mas a maneira de abstrair os pontos será diferente (LARROSA, 2002).

Devir é algo que não possui início e nem fim. Conforme Deleuze e Parnet (1998, p. 24) “O que conta em um caminho, o que conta em uma linha é sempre o meio e não o início nem o fim. Sempre se está no meio do caminho, no meio de alguma coisa.” Não há passado e nem futuro, assim, não há história. “E esse meio não tem nada a ver com uma média, não é um contorno, nem uma moderação.” (p.26). Desse modo, devir é presente, que descreve os movimentos múltiplos de cada sujeito, marcado por encontros, acontecimentos interligados ao sujeito. Entrelaçando esse conceito com a docência, temos que cada professor possui o seu devir, engendrados com as experiências adquiridas no seu campo profissional. Por vez, distingue-se de formação de professores, que traça perfis docentes, como se todos os

professores fossem iguais e todas as turmas a adentrar são iguais. E também, o “ser professor” não é completo, é uma incessante construção, nunca estará formado, sempre terá algo a aprender, a mudar. É um ser flexível, mutante, múltiplo. É um devir, que não possui um início de quando foi despertado interesse pela a docência e nem quando findará a carreira da mesma. É sempre o meio, o presente.

1.2 A Importância do Programa Residência Pedagógica

O Programa Residência Pedagógica é um espaço propulsor de experiências da parte prática da docência, e também, um espaço de discussão sobre a contemporaneidade, que é marcado pelo excesso de informações, e significantes avanços tecnológicos. Sendo assim, nos encontros com a supervisora do referido programa são discutidas algumas metodologias alternativas, como também alguns recursos didáticos que visam possibilidades de atender a essas demandas, melhor dizer, permeiam discussões em cima das dificuldades que atravessa o ensino e aprendizagem de matemática, que por vez, é um desafio, pois as turmas são diferentes, por conseguinte, os alunos também. No entanto, algo comum em todas as turmas é a falta de interesse dos alunos, em consonância com o desrespeito ao professor.

De acordo com Moretti (2011), a Residência Pedagógica propõe que os discentes realizem estágios, acompanhando o professor preceptor, observando as suas atividades, como planejamentos de aulas, reuniões de pais, avaliações de alunos, conselho de classe, quer dizer, os alunos têm a oportunidade de observar e ter conhecimento do que percorrer um professor da Educação Básica. Além disso, os discentes têm a oportunidade de experienciar regências, articuladas com o preceptor, colocando em prática as discussões tidas nos encontros com a supervisora do mencionado programa. “Dessa forma, o Programa de Residência Pedagógica, ao ter por objetivo superar a tradicional distância entre a teoria e a prática na formação dos estudantes, prevê uma ação compartilhada de formação entre a Universidade [...]” (p. 386).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os encontros do programa residência pedagógica iniciaram no dia 16 de agosto de 2018, em que foram acordadas as regras da residência pedagógica e apresentação do cronograma (fluxograma1), que dispõe as atividades vigentes dos meses: agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro. E também fomos divididos em equipes de até três componentes, de acordo com a escola escolhida, visando desenvolver todas as atividades propostas em conjunto até o término do programa.

O segundo encontro, 22 de agosto de 2018, teve a leitura e discussão do texto os dez mandamentos do professor. O texto é fruto de uma experiência particular do prof. Leandro Karnal (2017), que como qualquer educador, possui a angústia de se fazer perguntas sobre o ensino e aprendizagem. Para melhor encaminhamento da discussão, a professora supervisora da residência, solicitou que dividíssemos em duplas para a explanação dos dez mandamentos. E também, fizemos um plano de aula coletivamente com o auxílio da explicação das etapas que o compõe, pela professora supervisora Dr. Simone Queiroz. O conteúdo central abordado foi fração. Além disso, foi solicitado que fizéssemos um plano de aula, de qualquer conteúdo no terceiro bimestre do 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais. O conteúdo escolhido pela a nossa equipe foi o conceito de área de figuras planas por meio do tangram.

No dia 30 de agosto de 2018, apresentamos o plano de aula para todos os participantes da residência, antes disso, a professora pediu-nos que juntássemos em grupos de acordo com a série, visando debater os planos de aula, com intuito de melhorá-lo. No decorrer deste dia, a professora de maneira geral apresentou as principais tendências matemáticas, como metodologias diferenciadas, para fazermos os nossos planos de aulas segundo elas. As principais tendências são: modelagem, etnomatemática, resolução de problemas, jogos, história da matemática e TIC (tecnologias em informação e comunicação). Após, com intuito de adentrarmos um pouco mais nas tendências, a professora dividiu-nos em grupos, pedindo que pesquisássemos, para depois introduzirmos o debate na sala de aula. O nosso grupo, na divisão, ficou com etnomatemática. Por questão de tempo, os restantes das apresentações ficaram para a próxima reunião.

No quarto encontro, 06 de setembro de 2018, apresentação das tendências e depois produzimos o segundo plano de aula, com algum conteúdo do 8º ano, série que residimos, por meio das etapas, como transformar um conteúdo em um problema, o qual defende Dr. Lourdes de La Rosa Onuchic, da tendência resolução de problemas, apresentado no dia: 13/09/2018, já no dia 13 de setembro de 2018, foi bem recheado, primeiro discutimos o texto: A resolução de problemas como metodologia de ensino-aprendizagem matemática em sala de aula dos Fernandes e Oliveira (2017), segundo, apresentação, por equipe, de como seria uma aula utilizando a resolução de problemas, apresentando o plano de aula. Terceiro e último momento, a professora supervisora pediu-nos para assistirmos um (01) filme, dentre 05 filmes selecionados, ou seja, os 05 filmes foram distribuídos em ordem alfabética para nós. Desses filmes, de acordo com o que foi selecionado, é necessário apresentar as ideias por meio de respostas de perguntas: Quem é docente (Apresentação do docente antes do contato com a turma apresentada no filme)? Visão do docente em relação aos discentes e ao ensino? O que

mudou na vida do docente e dos discentes após a convivência do mesmo? Qual a mensagem principal do filme para você? Qual trecho você destacaria do filme?

Durante a apresentação da sinopse do filme, foi pedido que colocássemos em uma folha o nome dos conteúdos que tínhamos como monstros, dificuldades, pois mesmo sendo da área não somos obrigados a gostar de todos, entretanto, precisa ao menos saber-los, senão, colocaremos para o final do ano, como muitos professores fazem, preferem deixar os alunos sem ver aquele determinado conteúdo, a passar tempos, dobrando as dificuldades, em prol de destruímos os monstros que nós mesmos criamos. Disso fizemos o terceiro plano de aula e demos uma aula (40 min.). A nossa equipe ficou com a parte, lei dos senos e dos cossenos. Ficou acordado que dividiríamos os posteriores encontros em dois momentos, um para atividades que serão relatadas ao longo do texto e no outro para as regências de aulas. Ressalta-se, que foi requisitada a entrega do plano de aula, antes de cada regência, para a professora verificar se seguimos o que registramos. No dia 20 de setembro de 2018, apresentamos as considerações e observações do filme, nos juntamos em grupos de acordo com o nome do filme, a fim de debatermos e extrairmos a ideia geral do filme do filme de maneira coletiva. Depois, apresentamos a todos os participantes do programa de residência. Em seguida iniciaram as regências (trigonometria nos triângulos retângulos).

No sétimo encontro, 27 de setembro de 2018, discutimos o texto: Gerações z e alfa: os novos desafios para a educação contemporânea. Autores: Indalécio e Ribeiro (2017) De início, esse texto faz uma crítica ao ensino tradicional, dizendo que os professores precisam inovar as suas aulas. Depois, são trazidas definições da palavra “geração” em três áreas do conhecimento humano, sociologia, dicionário da língua portuguesa Aurélio e filosofia, a fim de reunir em uma única definição, por meio das convergências. Com isso é apresentado às características das gerações Z (2000 a 2010) para chegar à geração Alfa (geração de quem nasce (Nasceu) a partir de 2010). Nessas gerações a tecnologia se faz presente, assim carrega consigo uma preocupação com ensino e aprendizagem dos alunos que nascem nessas gerações, pois como o texto apresenta uma indagação: será que as escolas estão preparadas para este “novo aluno”? Segunda regência foi a da nossa equipe: Lei dos senos e dos cossenos

Na oitava reunião, 04 de outubro de 2018, a professora pediu-nos para formar equipes de três pessoas, independente das equipes formadas no primeiro encontro da residência pedagógica, a fim de discutirmos e respondermos questões do material: proposta de revisão para o Sistema de Avaliação da Educação de Pernambuco (SAEPE) – 2018, do Ensino Médio. Os objetivos dessa atividade eram: Identificar os conteúdos das questões; Resolver a questão; Apresentar o grau de dificuldade: fácil, intermediário e difícil. Justificando; Montar um vídeo

com até 30 segundos, apresentando a questão escolhida e postá-lo no grupo do facebook, dentro do prazo estabelecido. Seguidamente foi à terceira regência, circunferências trigonométricas.

No dia 18 de outubro de 2018, apresentação dos vídeos e a quarta e quinta regência (funções trigonométricas seno, cosseno e tangente). No encontro posterior, 25 de outubro de 2018, fomos separados em grupos de até 05 componentes, com intuito de debatermos o texto de Collares (2016), Vídeo e matemática para a educação à distância: uma possibilidade real. Esse texto, como traz o próprio título, apresenta uma possibilidade para a utilização de vídeos no ensino de Matemática à distância. Interessante essa abordagem, pois até o momento tínhamos certo preconceito em relação à educação à distância (EAD), em que, nota-se que possui uma série de critérios a se considerar na escolha de vídeos aulas, como: exatidão e informações matematicamente corretas, forma de abordagem e efeitos especiais, linguagem utilizada e termos desnecessários. Neste encontro também tivemos a sexta regência (Redução ao primeiro quadrante).

No dia 08 e 22 de novembro de 2018, a professora trouxe dicas de como escrever artigos, já que é uma das exigências dela, publicarmos e, algumas regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Depois tivemos a sétima, Relações Trigonométricas Fundamentais, oitava e nona, Seno e cosseno da adição e da subtração, respectivamente. No décimo segundo e último encontro, do relatado ciclo, 29 de novembro, conhecemos o que é uma aula expositiva, os seus elementos e orientações, como: cuidado com a voz, cuidado com o vício de linguagem, entre outras. Após, a experiência da décima e última regência, identidade trigonométrica.

Dessa forma, exibimos as marcas que ficaram de cada encontro, em que, sempre despertou-nos o desejo de querer aprofundar mais, em busca de questionarmos os por quês, surgidos em nossa vida acadêmica e profissional. Questionarmos as pedras que nos impede de avançar e criar caminhos para destruímos os monstros criados por nós. Dentre essas marcas, a imensa é acreditar em dias melhores. Temos que acreditar, isso foi despertado em nós pela a orientadora. A peleja é árdua, mas no final acabamos gostando e não queremos parar de produzir um jardim florido em nossos alunos. As flores do jardim para crescerem passam por processos, assim, as dádivas da educação só surgem no amanhã. Não vemos de imediato. Contudo, a maneira que foi conduzida os encontros, fortaleceram em nós, como traz Cortella (2018), a amorosidade pela a docência.

A partir de agora, tomaremos outra rota, descrevendo algumas observações de aulas, visto que as mesmas tiveram que seguir alguns critérios, dentre eles, o preenchimento de

fichas, com respectiva explicação do que ocorreu nas aulas. Além disso, assinada pelo preceptor. Para o preenchimento é requisitado o quantitativo de alunos de cada turma observada, conteúdo trabalhado, etapas ZY metodológicas, recursos utilizadas e observações adicionais. As primeiras observações de aulas ocorreram no dia 03 de outubro de 2018, onde foram aplicadas provas bimestrais. Tivemos o primeiro contato com as turmas, percorrendo o olhar entre os alunos e os elementos que compõe as salas de aulas, em que tivemos a surpresa ao depararmos em uma das turmas observadas, a troca de fileiras de cadeira voltada para o quadro, por mesas, que comporta seis alunos. Nossa, consideramos um máximo. Se não fossem as conversas paralelas.

Seguimos com as observações de aulas, 10 de outubro de 2018, dessa vez nutrimos o nosso dia, com a contemplação de práticas de ensino do conteúdo equações polinomial do primeiro grau, identidade e impossível. O objetivo da aula foi dá suporte para os alunos diferenciar essas duas equações. Para tanto, o professor passou alguns exemplos no quadro e pediu que as turmas se dividissem em grupos, com intuito de se ajudarem entre si. No instante que os alunos estavam respondendo, o professor estava tirando algumas dúvidas. Momento riquíssimo, onde foi possível perceber quais alunos conseguiram avançar, como também, os que estavam no “mundo da lua”. Mas para quê responder se posso copiar do coleguinha? Vimos muito isso durante as observações. O que fazer por eles? O professor disse que apresentou varias metodologias diferentes da tradicional durante os bimestres anteriores, porém não foram tocados por elas. Assim, foi falta de incentivo? Usar metodologias diferenciadas, não implica que iremos despertar os desejos dos nossos alunos. Entretanto, continuar lutando, é um grande passo, quem sabe acertamos e a pedra grande chamado desinteresse role ou até mesmo quebre, permitindo-nos libertar alguns da tenebrosa ignorância. Ensinar é uma luta constante, que possui troféu, pois territorializar o desejo dos alunos em nossas aulas é fantástico. Nossas aulas precisam ser convites. Convites de libertação das coisas que passam para a conquista daquilo que nos fica. Conhecimento. Essas foram algumas reflexões abstraídas durante as observações.

O terceiro dia de observação, 17 de outubro de 2018, o conteúdo abordado foi sistemas de equações polinomiais do primeiro grau, em que, novamente o professor propôs exercícios e seguiu a mesma dinâmica da anterior observação relatada, neste trabalho. Após, respondeu-os no quadro de dois modos, primeira por meio da matemática informal e, depois pelo método da substituição. Foi possível ouvir sussurros, “professor, a primeira forma é mais fácil, para quê fazer assim, oxe”. Sinto muito, mas como professor de matemática, precisa-se utilizar a

matemática informal, para construir a aceitável pela a vida escolar, a matemática formal. Interessante, o professor envolve aproxima as suas aulas ao cotidiano dos alunos.

No dia 24 de outubro de 2018, o conteúdo abordado foi do eixo da geometria, mediana, baricentro, mediatrizes. O professor desenhou um triângulo no quadro, a fim de explicar por meio dele, a mediana, baricentro e mediatriz. Para isso, levou compasso e régua de quadro, mostrando-nos, que o mesmo apresenta domínio em relação a desenhos geométricos. Esperou um tempo para que os seus alunos fizessem em seus cadernos. Como não tinha na escola e também, grandes partes dos alunos não levaram os materiais que ganharam no início do ano letivo, assim, o professor levou algumas régua e compassos. Pena que não devolveram da maneira que receberam, uns quebraram. Mas, vamos focar nos olhares atenciosos durante as a execução da atividade. Notamos o quanto as aulas foram produtivas, por meio da dedicação de alguns alunos.

No quinto dia de observação, 31 de outubro de 2010, o professor prosseguiu com a mesma dinâmica da observação anterior, porém, dessa vez foi triângulo inscrito e subscrito. Neste dia as atividades foram encerradas cedo, por causa de uma reunião emergencial. No dia 07 de novembro de 2018 o professor entregou as notas do bimestre anterior e formalizou os conteúdos vistos nas aulas anteriores, da parte da geometria.

No dia 14 de novembro de 2018, sucedeu revisão dos conteúdos vistos nas aulas anteriores, através de exercícios, logo depois foram entregues as provas, as quais foram corrigidas coletivamente. No dia 21 de novembro, o professor levou alguns materiais manipuláveis, sólidos geométricos: prismas, paralelepípedos, pirâmides, cones e círculos. De início o professor colocou um exercício no quadro, que para responder-lo, perguntou se algum aluno habilitaria a separar os sólidos, que estavam em seu birô, em dois grupos. Logo após a separação, perguntou qual foi o critério que ele utilizou. Passou para a turma responder se a maneira que fez está certa, justificando. O objetivo dessa a aula era que os alunos percebessem que uns sólidos possuem lados e outro não. No dia 28 de novembro, prosseguiu com mesmo conteúdo e procedimentos metodológicos da aula anterior e, no dia 05 de novembro de 2018, foram realizadas provas bimestral, IV unidade.

De modo geral, frisa-se, que o professor sempre o utilizava a mesma dinâmica em todas as turmas observadas, melhor dizer, da mesma maneira que ele ensinou geometria espacial por meio de sólidos geométricos, numa turma, foi igual nas demais. O que distinguiu, foi o acolhimento de cada uma delas, em que em uma dessas, 95% da turma, não deram nem a mínima para aula. Na realidade, em todas as aulas, o percentual de desinteresse dos alunos da referida turma, sempre variava de 90% a 100%. Lamentável. Agora, cabe o questionamento:

Se cada turma carrega consigo a sua especificidade e heterogeneidade, o porquê de trabalhar da mesma maneira em todas elas? Diríamos, que mesmo que professor mostrasse ter domínio dos conteúdos, segurança ao apresentá-los e usava metodologias complementares às aulas tradicionais, foram fatigantes observar as suas aulas, dado, que pelas primeiras aulas, já sabíamos o que iria ocorrer nas demais. Assim, precisa-se construir o planejamento de aulas, condizente com a turma, quer dizer, temos que trabalhar em cima das dificuldades que são surgidas ao longo dos bimestres, pois é comum aparecer pontos comuns, mas ser tudo igual, não é possível. Os alunos são diferentes. Cada turma possui a sua dinâmica e não podemos trabalhar nelas da mesma maneira. Entretanto, se consegue exceder em fazer o contrário do que acreditamos que seja a forma certa, pode passar-nos a receita. Inclusive, para o preceptor, na qual observamos as suas aulas, por que para ele, não deu certo, de acordo com os seus discursos dirigidos a nós: “essa turma não tem jeito”, “já fiz de tudo, mas não querem aprender” e “nas outras turmas dão certo, mas nessa, os alunos não querem saber de nada”.

O professor sempre fazia a chamada durante as aulas, às vezes no início, noutros no finalzinho, era muito prestativo durante as atividades, em que sempre passava de banca por banca para tirar dúvidas e verificar se os alunos estavam fazendo-as e, mostrava-se preocupado com o desempenho da turma, dizendo-nos, que não valia à pena prosseguir com os conteúdos, se os alunos não conseguiam avançar de maneira significativa. O mesmo coloca a culpa nos professores anteriores. Nota-se que esse é o discurso mais comum entre os professores, pois desde o momento que tiram a culpa de si mesmo, colocando em outra pessoa, tira a responsabilidade de suas costas, muitas vezes, ficam no comodismo, dizendo, lavo as minhas mãos perante isso. Pensando assim, ficaremos num círculo vicioso, procurando culpados. No entanto, “Tem gente que acha que Educação é o crime perfeito: só tem vítima, não tem autor.” (p.114). Pior que isto, colocarmos a culpa do fracasso escolar nos alunos, esquecendo que a partir da avaliação deles, avaliamos a nossa aula, pois se o índice de desenvolvimento foi baixo, tem alguma coisa de errado também em nossas aulas (CORTELLA, 2018).

No mais, o mesmo gostava de passar exercícios de fixação, onde sempre eram corrigidos coletivamente. Às vezes ele convidava os alunos para responder no quadro, na qual, havia uma interação deles com os demais alunos.

Imagem 2: (A) e (B) observações de aulas. **Fonte:** O autor (2018).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das experiências proporcionadas pelo Programa Residência Pedagógica, tanto nos encontros semanais, quanto nas observações de aulas, conclui-se que foram momentos esplêndidos em oportunidades de refletirmos sobre o ensino e aprendizagem, quer dizer, refletirmos sobre as práticas de ensino que visam possibilitar o alcance da aprendizagem dos alunos que deparamo-nos no tempo presente, por vez, esse é um dos assuntos mais discutidos pelos professores. Como despertar o desejo dos alunos por estarem na escola, mesmo diante de discursos de que a mesma é chata, não os atraem?

Certo, entende-se que estar professor desses alunos que nascem em meio às tecnologias é uma missão árdua, no entanto, por meio de muitas lutas podemos criar as armas certas para tentarmos vencer. Quem aceita o desafio? Essas armas precisam ser manuseadas com cautela, sabendo aonde queremos chegar por meio delas, senão, não atingirá os alunos, isto é, não terá significação. Sua criação será inútil. Do que vale uma aula bem elaborada se não soubermos os objetivos que a mesma quer alcançar? Além disso, os professores precisam saber usar as tecnologias e, não tornar-se rivais a elas. Cuidado, que não seja a sua luta, disputar com as tecnologias, pois sinto muito, ela sempre irá vencer. O nosso foco é combater o desinteresse dos alunos, guiando, a saber, utilizar o que está ao seu redor, da maneira que apraz. Grande parte dos alunos foi subjetivada por elas. Assim, já sabemos um caminho para construir as nossas armas, através das tecnologias. No entanto, se não soubermos o caminho que as nossas aulas andarão, não terá sentido utilizar dos instrumentos tecnológicos. Somos os que fazemos com que eles sejam tecnologia, caso o contrário serão apenas objetos.

Diz-se, nesse caso, que as armas são as práticas de ensino, que busca despertar o interesse adormecido dos alunos por aprender. Sim, o encontro causou em nós o desejo de transcender, mesmo sabendo das dificuldades que podem surgir diante da caminhada. E apostar sempre num futuro utópico melhor, onde seremos prestigiados, ao observar que também contribuimos para que os nossos alunos fizessem aquilo que desejaram estar, ainda quando estavam na Educação Básica, que a vida por vezes tentou silenciar. Temos que fazer

com que os alunos acreditem em seu potencial e que podem chegar à carreira profissional que quiser. São capazes de ganhar o mundo, por meio de esforços. Diríamos que ser professor é ser também semeador, nesse caso, de sonhos. Colhemos o que plantamos, e perseverar é uma das qualidades do semeador. Pensas que é fácil enfrentar as pragas que tentam destruir a lavoura? Não, é luta. Quando dizemos isso, não que dizer que toda responsabilidade é nossa. A escola não é composta por apenas professores. Cada um precisa fazer a sua parte, inclusive os alunos. Sem deixar de fora a família.

No mais, esse intervalo de tempo, fortaleceu a amorosidade pela a profissão, despertando em nós o interesse por participar cada vez mais dessa luta constante da nossa profissão. Claro, como toda a luta, possui troféu, conquistada por meio de dias de pesquisa, teste incansável e criação. É fácil. Ninguém nunca disse isso, porém sempre no fim de cada ano letivo, tem um gostinho de quero mais. Vamos prosseguir. Caminhar sem esmorecer. Vamos nessa, experienciar nas demais atividades que o programa nos possibilitará vivenciar.

REFERÊNCIAS

CAVAMURA, N. R. B. Michel Foucault e a coragem da Verdade: uma reflexão sobre o professor parresiasista. In: **Encontro Nacional de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática**, 17, 2013, Vitória. Anais... Vitória: SBEM, 2013. INSS 2237-8448.

COLLARES, B. M. Vídeo e matemática para a educação a distância: uma possibilidade real. XII Encontro Nacional de Educação Matemática. São Paulo: SP, 2016, 12p. ISSN 2178-034X.

CORTELLA, Q. C. **Nós e a escola: agonias e alegrias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. INSS: 978-85-326-5739-8.

DELEUZE, Gilles. PARNET, c. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p.

INDALÉCIO, A. B. RIBEIRO, M. G. M. Gerações z e alfa: os novos desafios para a educação contemporânea. **Revista UNIFEV: Ciências e tecnologias**, v.2 . Votuporanga: 2017,12p. INSS: 2525-6599.

KARNAL, Leandro. **Dez mandamentos do professor**. 2017.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: Revista Brasileira de Educação. nº 19, 2002.

MORETTI, V. D. A articulação entre a formação inicial e continuada de professores que ensinam matemática: o caso da Residência Pedagógica da Unifesp. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 385-390, set./dez. 2011

QUEIROZ, S. M. A educação em meio ao Hiperativismo sócio-cultural do mundo líquido. In: **X Encontro Nacional de Educação Matemática**. São Paulo, SP. 2016.